

DAS CATAPLASMAS... À INVESTIGAÇÃO*

entrevista ao Enfermeiro Alberto da Silva Mourão

*"O aparecimento dos auxiliares de Enfermagem veio para tornar mais barato a prestação de cuidados."
"A Enfermagem evoluiu para bem. Para mim já deixou de ser a Enfermagem da Florence Nightingalle."
"A saúde deverá ser estratégica e programaticamente um bem social."*



Quando em finais de 1936, o professor Doutor Ângelo da Fonseca, encarou pela primeira vez, nos claustros dos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), com um jovem aluno de enfermagem, de aspecto franzino, dificilmente poderia prever estar perante aquele que viria a ser um dos principais intérpretes da história contemporânea da enfermagem, Enfermeiro Alberto da Silva Mourão.

Concluiu o Curso de Enfermagem Geral em 1938, começando por "auferir 6\$00/dia, sem gozar feriados, somente com um dia de folga semanal e quinze dias de férias, por imposição do director hospitalar", como gosta de referir.

Possui um trajecto profissional notável, tendo sido o primeiro classificado em todos os concursos em que participou, desde o início de carreira até Enfermeiro Director dos HUC. Função que exerceu de 1988 até 1991.

Foi adjunto do Secretário de Estado da Saúde,

Professor Doutor Mário Mendes, no II Governo Constitucional, onde participou na equipa ministerial responsável pela elaboração do Serviço Nacional de Saúde.

A sua longa actividade e as diversas áreas de actuação, onde se notabilizou, levaram o governo a louvá-lo publicamente e o Presidente da República a agraciá-lo com o Grau de Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

Hoje, confessa que, se recuasse no tempo, voltaria a escolher Enfermagem como profissão e recorda a inauguração do novo HUC, como sendo a vivência profissional mais agradável.

Não se mostra demasiado ligado a conceitos que preencheram etapas da nossa história profissional, não escondendo a sua tristeza pela destruição do SNS, e a revolta por algumas medidas do Ministro da Saúde, e seu amigo, Dr. Paulo Mendo, de quem afirma "dever estar a ser mal aconselhado".

* Da responsabilidade de José Carlos Santos, Amílcar Carvalho e Fernando Henriques.

Sinais Vitais (SV) — O que o levou a optar pela Enfermagem?

Enf^o Mourão (M) — É curioso que nunca ninguém me perguntou isso.

Apareci na Enfermagem por acaso. Como sabem, fui aluno do seminário de Coimbra durante quatro anos. Quando decidi resolver a minha vida, surgiu-me a figura do Enf^o Cândido Silva e, foi arrastado por ele que vim para a Enfermagem, tinha dezasseis anos. Tive que fazer um requerimento ao Secretário de Estado da Assistência Social, para poder entrar para a escola, porque então, só se podia entrar com 18 anos.

SV — Passados mais de cinquenta anos de actividade, como caracteriza os cuidados de Enfermagem do início da sua carreira profissional?

M — Os cuidados de Enfermagem eram na totalidade prescritos pelo médico. As terapêuticas consistiam basicamente em termoterapia (sacos de água quente e cataplasmas), crioterapia (sacos de gelo), aplicação de ventosas e sanguessugas. O mais difícil eram as noites em que era um só Enfermeiro para cuidar de 400 doentes, sem nada para comer, nem tempo para o fazer. As habilitações literárias exigidas eram a quarta classe, sendo de excepção quem tinha mais estudos. Os cuidados de Enfermagem, apesar de tudo, quando comecei eram os melhores para a época.

SV — Quando é que se pode começar a falar em autonomia da profissão e a que se deve?

M — O começar a falar deve-se à melhor preparação dos Enfermeiros e a um maior sentido crítico. Foram os sindicalistas com mais conhecimentos que iniciaram o processo. A revista de Enfermagem de Coimbra (1956) foi a pioneira a falar em autonomia e liberdade.

No início, os sindicalistas foram vigiados pelas ideias que defendiam, tendo mesmo que acabar com a revista, porque foram apreendidos dois números e ficámos sem dinheiro.

SV — Muito espaço havia sido percorrido desde a década de trinta...



M — Sem dúvida. Passámos tempos difíceis. Por exemplo, o Professor Doutor Ângelo da Fonseca decretou que os Enfermeiros, ao contrário dos outros funcionários, que tinham trinta dias de férias, só podiam gozar quinze dias.

SV — A postura do Dr. Ângelo da Fonseca a que é que se deve? À sua vinda de França, por querer formar um determinado tipo de Enfermeiros...

M — Não encontro razões. Ele gostava dos Enfermeiros, mas só lhe reconhecia deveres! Após a sua morte em 1942, dá-se uma reviravolta, com o Professor João Porto que trouxe alguma igualdade e justiça para os Enfermeiros.

SV — O ensino era adequado à prática, procurava introduzir novas técnicas...

M — No início, não se relacionava nada com o que fazíamos. Para além dos professores catedráticos, havia quatro Enfermeiros que não tinham nada a ver com a escola, mas que nos ensinavam o que realmente necessitávamos. Eram eles, o Enf^o José Pinto Teles (ensinava tudo de Bloco Operatório), Enf^o Ferraz (ensinava cirurgia ortopédica), Enf^o Carvalho (ensinava Cirurgia), e o Enf^o Aires Barata (que ensinava Medicina). Em 1947, houve uma reforma do ensino e ajustou-se mais à prática. Em Coimbra, dois nomes



merecem ser destacados. O Dr. Coreolano Ferreira (Administrador Hospitalar), que criou as instalações para a Escola de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca que até aí não existiam, e o Dr. João Porto (Director do Hospital). Os dois souberam impôr um pouco de justiça no meio hospitalar e na Escola.

SV — A que é que se deve o avanço da Enfermagem na prestação de cuidados?

M — A vários factores, mas principalmente a uma maior capacidade de prestação, porque a partir de 47, exigiam o primeiro ciclo e depois o segundo ciclo e à medida que se avançava ia-se mudando.

Na altura em Homens, tínhamos Enfermeiros muito competentes. Os Enfermeiros que saíam da nossa escola eram os preferidos. Quem assegurava o ensino era o Enf^o. Cândido Silva, Enf^o. Teles e eu próprio.

Na parte de Mulheres, foi necessário chamar gente de fora, tendo vindo, por exemplo, a Enf^o Maria da Cruz, Enf^o Maria Fernanda Resende e outras.

SV — Num passado mais recente atravessámos um período de dois níveis de formação de base em Enfermagem. Como avalia esse passado?

M — O aparecimento dos auxiliares de Enfermagem veio para tornar mais barato a prestação de cuidados.

Recordo-me que em 1948 - 50, o Ministro do Interior e da Assistência Social (Dr. Trigo Negreiros), afirmou nos IIUC que os "Enfermeiros estavam a sair muito caros e por isso tínhamos que arranjar outro nível com a quarta classe e mais barato". Disse ainda que se não houvesse candidatos, se iam buscar aos asilos. Quando se iniciou a formação de Auxiliares de Enfermagem, inverteu-se a tendência e começaram a aparecer

mais mulheres, que eram uma minoria, na altura. Eu pensava que tínhamos a ganhar se se preparassem certos tipos de auxiliares de acção médica para executarem determinadas tarefas, que os Enfermeiros mandassem. Infelizmente todos sabemos o que se passou. Houve uma desresponsabilização dos Enfermeiros e um estatuto adquirido dos auxiliares.

SV — Como vê a evolução da Enfermagem?

M — A Enfermagem evoluiu para bem.

Para mim já deixou de ser a Enfermagem da Florence Nightingalle. Ela defendia que não houvesse nem exames nem diplomas. Era prepará-los

e colocá-los a trabalhar. Isto é um defeito, na organização de uma profissão. Também esteve mal ao trancar a porta aos homens Enfermeiros.

S. João de Deus, que hoje é o patrono dos Enfermeiros, teve uma visão mais humana, embora não tão instruída.

SV — Que futuro prevê para a profissão?

M — Prevejo que no futuro, com mais responsabilidade e mais trabalho, poderemos dar uma melhor imagem do que somos.

E X A M E

(1 a 5 valores)

Ministro da Saúde	5
Lei de bases da saúde	3
Privatização da saúde	3
Sindicato de enfermagem	5
Carreira de enfermagem	4
Escolas superiores de enfermagem	4
Cursos superiores de enfermagem	4
Estatuto do enfermeiro	5
Ordem dos enfermeiros	5
Hospitais da Universidade de Coimbra	4

Uma melhor preparação dos Enfermeiros é bastante saudável, mas a Escola não está a dar o apoio conveniente no aspecto prático.

A investigação terá um papel bastante importante. Sem ela, nada se consegue.

SV — Que comentários é que lhe merecem o estatuto e o órgão autónomo para a profissão?

M — O aparecimento de uma Ordem para a Enfermagem neste momento, corresponde ao maior salto qualitativo que se pode esperar. Permite-nos colocar ao nível de outras profissões. As Ordens existem, não com fins de fiscalização mas para tornarem mais viável o exercício da profissão. A Ordem sem estatuto será um mal que

se pode remediar, mas o ideal será a ordem com estatuto.

SV — Qual o papel dos sindicatos com o aparecimento de uma ordem?

M — Os sindicatos têm que ter um papel de charneira, porque se não o tiverem, não será a Ordem a substituí-los.

Os sindicatos têm posições reivindicativas, a Ordem tem que vigiar o conceito de profissão e tem que, sobretudo, destacar as ideias básicas da ética e da deontologia, (é necessário estar atento



a certo tipo de problemas, os transplantes, a genética médica, alguns factores do tratamento do cancro, e outros).

Defendo os sindicatos e estes têm que defender os seus associados, uma Ordem tem o seu papel à parte, mas tem que haver uma ligação muito forte entre a ordem e os sindicatos.

Os sindicatos têm de agir

com uma política sindical que os leve a manter a sua forma e a sua dinâmica, trabalhando cada vez mais.

SV — Como avalia as transformações e alteração progressiva do SNS, que ajudou a elaborar?

M — O Serviço Nacional de Saúde que foi criado, foi na altura muito bem estudado.

Confesso que ponho reservas às alterações que têm sido feitas, porque não vejo com que intenção se altera uma legislação que deu provas.

Estou de acordo que se altere o que está mal, mas deve conservar-se o que está bem. O SNS era útil e deveria ser um dos melhores existentes.

Lamento muito que se tenham tomado certos caminhos. Deveriam ser ouvidas todas as profissões.

Sinto uma certa revolta ao pensar que têm tentado tudo para "virar" o SNS, o que é mau.

SV — Como vê actualmente o acesso à saúde?

M — Julgo que as classes mais desfavorecidas

têm maiores dificuldades no acesso à Saúde, com as mudanças que têm sido feitas e que estão a limitar este acesso.

O SNS inicial previa taxas moderadoras, mas suportáveis economicamente, com intenção de educar as pessoas. Agora as pessoas não vêm às urgências porque são muito caras e levam ao afastamento progressivo.

SV — Como avalia o financiamento das Instituições Públicas e as privatizações anunciadas?

M — Em Coimbra fala-se da venda do Centro Hospitalar (CHC) a determinados grupos económicos e não posso estar de acordo.

A gestão de um Hospital é sempre crítica, em Portugal e em todo o mundo. Repare nos Estados Unidos da América, as falhas que há a nível de saúde. É uma injustiça social quando há 20, 30 milhões de pessoas sem acesso à saúde.

Neste momento a gestão dos hospitais é feita com dificuldades porque não há financiamento a condizer, mas no pouco que temos, até é bem feita, vejam o caso dos HUC. Às vezes sinto mágoa por ver que não é possível fazer determinadas coisas, porque não existe financiamento.

Se houvesse um melhor financiamento dos hospitais, não teríamos tantos problemas como estamos a ter hoje na saúde.

A saúde deverá ser estratégica e programaticamente um bem social.

SV — Apesar de reformado mantém uma actividade intensa intra e extra hospitalar. Que projectos tem para o futuro?

M — Primeiro gostaria de concluir e editar um livro que já iniciei intitulado "Crónica dos Hospitais da Universidade de Coimbra", que trata de algumas histórias do Hospital velho e a segunda parte trata do dia a dia no Hospital novo de 1991 a 94.

Já me pediram também para escrever a história do Rotary Internacional em Portugal.

Nos HUC ainda queria organizar e aperfeiçoar o gabinete de relações públicas.

Gostava de viver até ao ano 2000, para realizar o que penso!

SV